
Especialização em História e Cultura no Brasil Contemporâneo

Gabriela Cassiano Garcia

**Projeto de Intervenção: Valorização da Cultura e da
História do Negro no Brasil como meio para
conscientização do Racismo**

Santos 2019

Cassiano Garcia, Gabriela.

Projeto de Intervenção: Valorização da Cultura e da História do Negro no Brasil como meio para conscientização do Racismo / Gabriela Cassiano Garcia. -- 2019.

20 f.

Orientadora: Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals Theophilo

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas.

Especialização em História e Cultura no Brasil Contemporâneo, 2019.

1. Cota Racial. 2. Ação Afirmativa. 3. Racismo. 4.

Conscientização. I. Alexandra Mitidieri Malta Cals Theophilo, Gabriela, orient. II. Título.

Especialização em História e Cultura no Brasil Contemporâneo

Gabriela Cassiano Garcia

**Projeto de Intervenção: Valorização da Cultura e da
História do Negro no Brasil como meio de
conscientização do Racismo**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de pós-graduação em História e Cultura no Brasil Contemporâneo, da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

Orientadora: Dr^a Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals Theophilo.

Santos, 2019

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	7
2. Problematização.....	8
3. Justificativa.....	11
4. Objetivo Geral.....	13
5. Objetivo Específico.....	13
6. Revisão de literatura.....	14
7. Metodologia/ Detalhamento do Projeto/ Plano de Ação	
7.1 – Para quem, como e por que?	15
7.2 – Resultados esperados.....	17
7.3 – A proposta.....	17
7.4 – Como se dará o processo?	18
7.5 – Avaliação.....	18
8. Referências.....	20

RESUMO

O trabalho aqui desenvolvido visa conscientizar jovens do Ensino Médio sobre a história e cultura do negro no Brasil, a fim de reparar e até mesmo prevenir a discriminação racial. A ação afirmativa a qual pretendo trabalhar nesse projeto é a Cota Racial.

Temos, no Brasil, um racismo estrutural, que impacta diretamente na inserção sócio-política, cultural, econômica e laboral dos povos afrodescendentes, a ponto de muitos, ainda hoje, terem vergonha de sua cor, de seus traços, cabelo etc. No entanto, desde a implementação da política afirmativa de cota racial e de maior inserção de negros em espaços antes restritos, esse panorama vem mudando, de modo ainda insuficiente, mas contundente.

Tendo em vista, a ação docente torna-se necessária para a conscientização da diversidade de gênero, sexual e étnico racial no país e, especialmente, dentro do espaço escolar. Por isso, quero propor um projeto de intervenção voltado para os alunos do Ensino Médio, conforme a Lei nº10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as escolas do país. Assim, por meio de ações afirmativas e de políticas de reparação, busca-se o reconhecimento e a valorização da história, da cultura e da identidade desses povos.

Portanto, com o presente projeto, pretendo desvendar e evidenciar a diversidade étnico-racial, a fim de prevenir a discriminação racial, por meio de uma ação dirigida por docentes. Trata-se de uma ação transdisciplinar, visando demonstrar como o reconhecimento e a valorização da história do negro no Brasil podem contribuir para a diminuição e, por que não, fim da discriminação racial nas escolas e na sociedade, em geral

Palavras-chave: Cota Racial, Ações Afirmativas, Racismo, Conscientização.

ABSTRACT

This paper developed aims to raise awareness young high school students about the history and culture of black people in Brazil, in order to repair and even prevent racial discrimination. The affirmative action that I intend to work on in this project is the Racial Quota.

There are, in Brazil, a structural racism, which directly impacts on the socio-political, cultural, economic and labor insertion of people of African descent, to the point that many, even today, are ashamed of their color, their features, their hair and so on. However, since the implementation of the affirmative policy of racial quota and greater insertion of blacks in previously restricted spaces, this picture has been changing, still insufficiently, but forcefully.

Bearing in mind teaching action is necessary to raise awareness of gender, racial and ethnic diversity in the country and especially within the school environment. Therefore, I want to propose an intervention project aimed at high school students, according to Law No. 10,639 / 2003, which made the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture compulsory in all schools in the country. Thus, through affirmative actions and reparation policies, the recognition and appreciation of the history, culture and identity of these peoples is sought.

Therefore, in this present project, I intend to unveil and highlight the ethnic-racial diversity, in order to prevent racial discrimination, through an action directed by teachers. This is a transdisciplinary action aimed at demonstrating how the recognition and appreciation of the history of black people in Brazil can contribute to the reduction and also the end of racial discrimination in schools and in the society in general.

Keywords: Racial Quota, Affirmative Actions, Racism, Awareness.

PROJETO DE INTERVENÇÃO: VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA DO NEGRO NO BRASIL COMO MEIO DA CONCIÊNCIA DO RACISMO

**GABRIELA CASSIANO GARCIA
DR^a. GABRIELA ALEXANDRA MITIDIERI MALTA CALS THEOPHILO**

AGOSTO 2019 – POLO SANTOS

1) Apresentação

O presente trabalho encontra-se no campo da História Cultural, na perspectiva da Nova História, já que esse modo de compreender a história resultou em um certo abandono dos esquemas teóricos generalizantes, com a valorização de grupos particulares, em locais e períodos específicos, como é o caso dos negros após a escravidão.

O fato de me propor a estudar a história do racismo no Brasil, no que tange às condições da educação para ex-escravos e, posteriormente, homens nascidos livres no pós-escravidão, serve para chamar a atenção para o papel das ações afirmativas no fim da escravidão e nos dias de hoje, a fim de perceber como essas ações podem influenciar no desenvolvimento cultural e social dos povos afrodescendentes.

Trabalharei, portanto, com as cotas raciais pois elas nascem como reparação e prevenção à discriminação racial. Após a abolição, como se sabe, não houve nenhuma ação pública visando à inserção mais igualitária do negro sociedade brasileira. Por isso, em geral, ele passa a viver à margem. A fim de justificar que existe uma “democracia racial” no Brasil, afirma-se muitas vezes que o que se busca é a igualdade entre os homens e que se deve confiar em sua capacidade intelectual, de modo que não seria necessário, portanto, “facilitar” seu acesso às universidades. Argumentos como o de que negros não são impedidos de entrar em nenhum lugar, de que há escolas básicas e de nível superior gratuitas para todos, fazem com que essa marginalização pareça uma escolha individual, já que leva à ideia de que a oportunidade é dada para todos, e não fazê-lo seria uma escolha. Esses argumentos afastam, assim, a consciência do processo histórico de formação da sociedade brasileira.

Portanto, para auxiliar na conscientização e erradicação da discriminação racial no Brasil é preciso a intervenção do docente voltada para questões étnico-raciais, que será apresentada nesse projeto, como dito anteriormente Trata-se de uma ação voltada para alunos e alunas do Ensino Médio, envolvendo professores de diversas áreas do conhecimento, afim de promover, no período de um bimestre, atividades, aulas e pesquisas sobre a história, a música e a cultura da população afrodescendente no país.

2. Problematização:

Para entender o problema do racismo no Brasil, é preciso conhecer um pouco da história da população negra em nossa sociedade. Inicio essa explanação, então, com o artigo sobre a Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil de Silvia Lara. Nota-se, de princípio, uma crítica à historiografia sobre a “transição” e a “teoria da substituição” do escravo pelo imigrante, já que não citam o trabalhador negro. Nessas historiografias o escravo e ex-escravo fica oculto, apesar de terem produzido tanta riqueza para o Brasil

O trabalho livre já existia anteriormente, mas generalizou-se com a abolição da escravatura. Porém o conceito de liberdade para o negro era diferente. Para ele, essa liberdade significou poder reconstituir laços familiares e mantê-los sem o perigo de ter um membro da família comercializado, por exemplo. Ou seja, a liberdade não significou o fim do racismo (como sabemos, havia projetos de “branqueamento” da sociedade), e, portanto, não conferiu ao negro a possibilidade de “vender livremente” sua força de trabalho em troca de um salário. Desse modo, os negros não ocuparam os campos como trabalhadores assalariados após a abolição e a quantidade de ex-escravos nas ruas, à margem da sociedade, que aumentou. O motivo vai além da forte influência das teorias evolucionistas do século XIX, que diziam ser a raça branca superior à raça negra, como defendiam Spencer e Morgan. Havia também o fato de que, segundo Andrews, os negros buscavam contratos de trabalhos mais exigentes, a fim de afastar qualquer característica da escravidão. Como vemos a seguir:

Problematizando as teses de Florestan Fernandes, Reid Andrews empreende uma análise das primeiras décadas do pós-abolição detectando a presença de trabalhadores negros em diversas ocupações no mercado de trabalho urbano (artesanal, industrial e no setor de transportes) e rural. À tese da “anomia” e da marginalidade dos afro-brasileiros, este autor contrapõe uma análise que leva em consideração o “poder da barganha” de libertos e imigrantes diante de seus empregadores. Utilizando de relatos de viajantes e depoimentos coletados na grande imprensa, constata que as exigências que os ex-escravos impunham aos fazendeiros eram maiores que aquelas pedidas pelos imigrantes; em uma situação em que a escolha era possível – como no caso de São Paulo, com a larga oferta de mão-de-obra imigrantes –, a preferência dos fazendeiros era perfeitamente compreensível. (LARA, p.35, 1998)

Nota-se que o bem mais valioso estava além do salário que pudessem receber. Isso nos mostra que a escravidão moldou as ações, as reivindicações e valores dos libertos.

A partir da leitura, no curso de Historiografia Brasileira do século XIX, sobre as interpretações do Brasil de Celso Castro e Juliana Marques, foi possível notar a importância do pensamento social brasileiro para ajudar a desnaturalizar algumas ideias, apresentando o contexto de sua produção, fosse ele econômico, social, jurídico, histórico ou cultural.

Sob a influência do discurso científico, teorias racialistas e eugenistas foram aceitas no Brasil (o que levou à crença de que a miscigenação resultaria na degeneração ao povo brasileiro), já que a raça determinava a qualidade das ações dos indivíduos. A partir dessa ideia surge a política do branqueamento do Brasil, como dito anteriormente.

Branquear seria, então, a solução, já que antes da Lei Áurea o negro tinha seu lugar definido e, depois da abolição da escravatura, o negro torna-se um problema nacional. As teorias da eugenia e do branqueamento surgem por volta de 1920. Acreditava-se que o processo de miscigenação do povo brasileiro o tornaria cada vez mais branco, fazendo com que a raça negra se extinguisse em algumas décadas. Apesar dessas teorias terem se espalhado, autores como Gilberto Freyre e Franz Boas passam a questionar o racismo científico e trazem a valorização do conceito de cultura para compreender a diversidade humana.

Gilberto Freyre, em sua obra *Casa-Grande & Senzala*, enxerga a família patriarcal e a escravidão como elementos formadores da sociedade brasileira. A casa-grande, que, na obra, representa o Brasil, traz um cenário

onde a miscigenação racial e cultural eram positivadas, permitindo que se afirmasse a tese de que o Brasil seria livre do racismo (ou de que o racismo no Brasil seria menos violento). Essa realidade, descrita por Gilberto Freyre e outros autores, desde o século XIX (mas expandida e canonizada a partir de Freyre), ainda hoje é muito presente, apesar de não condizer com os dados estatísticos sobre o lugar que o negro ocupa no Brasil, que mostram uma concentração maior dessa parte da população em subempregos, além de ser a maior faixa de baixa escolaridade e representar o índice mais alto da população carcerária.

Somente nos anos 70, a partir de novas teorias e questionamentos, se desenvolverá uma revisão crítica dessa interpretação. Uma das vertentes teóricas mais importantes para essa revisão é a chamada a história vista de baixo. Fica evidente que, a partir desse movimento, a história transnacional e transcultural ganha intensidade e a valorização da “história vista de baixo” passa a nos fazer compreender melhor o tempo presente¹. Por isso, pensar e estudar as condições dos afrodescendentes ao longo do tempo, desde a abolição até os dias de hoje, é uma forma de revisitar o passado em busca da visão que as pessoas escravizadas tinham da escravidão, em busca do protagonismo do ex-escravo para definir o tratamento que tiveram a partir da abolição, a fim de compreender as ações afirmativas de cada momento específico.

Quando olhamos para realidade brasileira dos negros e negras no início dos anos 2000, especialmente no que diz respeito ao acesso à educação, encontramos dados cientificamente comprovados de sua precária situação educacional, como cita Maurício Silva em seu artigo “Cotas Raciais na Universidade Brasileira e Ideologia da Meritocracia”, fazendo referência à

¹ Abordagens teórico-metodológicas de historiadores como E. P. Thompson, Christopher Hill e Natalie Zemon Davis, que praticam a chamada “história vista de baixo”. Nota-se a História antes contada apenas a partir da visão das elites, agora passa a voltar sua atenção para as pessoas “comuns”. Surge aí a chamada história vista de baixo, onde homens e mulheres que tinham suas histórias ignoradas e eram silenciados, começam a ser ouvidos. A massa passa agora a ter suas experiências consideradas importantes pela historiografia. Assim, baseados nas ideias de Christopher Hill historiadores como E. P. Thompson e Natalie Zemon Davis passam a dar ênfase a questões antes deixadas de lado pelos historiadores, que anteriormente se preocupavam em abordar a história social vista a partir “dos grandes nomes”. (ARAUJO. 2013. Disponível em < <https://www.webartigos.com/artigos/a-historia-vista-de-baixo/103228/> > Acesso julho de 2019.

Gonçalves (2003). Alguns dados que foram apresentados no artigo, são referentes há 10 anos e trazem que 65% de crianças negras viviam na pobreza, enquanto que o número em relação às crianças brancas era de 38%; 54% dos negros e negras adultos ganhavam 54% a menos do que um branco adulto com o mesmo grau de escolaridade; 44% dos brancos concluem o Ensino Fundamental I, enquanto que esse número cai para 27% entre os negros e negras.

Portanto, pensar as ações afirmativas é pensar em sanar as distorções históricas construídas em relação à população afrodescendente; é pensar em medidas compensatórias pra quem foi alijado de liberdade, de diretos e de dignidade, é construir consciência em jovens que desconhecem suas raízes.

3) Justificativa

As cotas raciais são estabelecidas no Brasil a partir de longas lutas e debates promovidos pelos movimentos negros, servindo como reparação e prevenção à discriminação racial. Após a abolição, o negro não viveu nenhuma ação afirmativa para que pudesse se inserir de modo igualitário na sociedade brasileira. Os dados acima deixam isso em evidência e, em busca da isonomia, ou seja, igualdade material e substancial para todos, surgem as cotas raciais, para Indígenas e para pessoas com deficiência física ou mental. Porém, as cotas raciais são as únicas que incomodam e resultam no já mencionado argumento da meritocracia. Volta-se, aqui, à discussão sobre a democracia racial, posto que os negros não são impedidos de entrar em nenhum lugar, há escolas básicas e de nível superior gratuitas para todos, inclusive para negros e negras. Portanto, de acordo com o discurso da meritocracia “não estudar é uma escolha individual”, o que leva à ideia de que as oportunidades são iguais para todos e todas.

Para auxiliar na conscientização da discriminação racial no Brasil torna-se importante, assim, a ação docente voltada para questões étnico-raciais.

Amilcar Araújo Pereira, em seu artigo sobre o Movimento Negro Brasileiro e a Lei nº10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as escolas do país, relata que, desde a década de 80, o Movimento Negro articula com o Estado, nos âmbitos municipal, estadual e federal. Lutar por ações afirmativas, por políticas de reparação, é lutar por reconhecimento e valorização da história, da cultura e da identidade desses povos. Vejamos:

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada (BRASIL, 2004, p. 10).

Porém, ao ter acesso a alguns livros de História e Sociologia do Ensino Médio, pude perceber que temas como *racismo*, *escravidão*, *cotas* e ações afirmativas, em geral, são assuntos pouco explorados, apresentando-se de forma superficial “Os grupos discriminados não têm, ou têm raramente, suas memórias e histórias trabalhadas nos espaços escolares. A memória é importante para a construção identitária.” (POLLAK, 1992). Este trecho, citado por Amilcar Araújo Pereira, no artigo “Memória Democracia e Educação: reflexões sobre diversidade étnica e história oral”, deixa evidente que a discriminação racial se reflete até mesmo nos conteúdos curriculares selecionados ocultando a história dos negros e das negras e dificultando a possibilidade de uma educação democrática

Dito isso, fica clara a relevância de um projeto de intervenção que busque levar aos jovens do Ensino Médio a consciência do passado e como se dá relação essa relação dialética entre passado, presente e futuro (além de estar em acordo com a Lei nº10.639/2003), que, como já dito, tornou

obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as escolas do país.

4) Objetivo Geral

- Desvendar e evidenciar a diversidade étnico-racial, a fim de prevenir a discriminação racial, por meio de um projeto dirigido por docentes, bem como colocar a transdisciplinaridade, prevista para entendimento completo sobre o assunto, em ação.
- Demonstrar como o racismo é um elemento estruturante de nossa sociedade e promotor da desigualdade social, e como o reconhecimento e valorização da história dos negros e das negras no Brasil, que ocorre por meio de ações afirmativas e debates no ambiente escolar, pode contribuir para a prevenção e, por que não, fim da discriminação racial.

5) Objetivos Específicos

- Identificar a importância dos negros e das negras na formação da sociedade brasileira.
- Promover atitudes de respeito e cidadania para com a diversidade étnico-racial.
- Conscientizar sobre conceitos como “democracia racial” e “Cotas Raciais”.
- Contextualizar a história do racismo e da eugenia.
- Tornar evidente o eurocentrismo que historicamente está presente nos currículos brasileiros e o que significa a Lei nº 10. 639/2003.

6) Revisão da literatura

A fim de trabalhar a hipótese de que a implantação da ação afirmativa das cotas vem trazendo uma valorização da população e das culturas negra e parda do Brasil pude notar que seria necessário traçar a história do racismo no país. Por isso, selecionei livros e artigos que me dessem suporte. É o caso do artigo de Silvia Hunold Lara, *Escavidão, cidadania e história do trabalho no Brasil*, que traz a história da escravidão, ponto de partida do racismo no Brasil. O fim da escravidão não determinou o a inclusão dos negros na sociedade, pelo contrário, logo após esse período surgem as teorias eugenistas, como nos mostra o texto de Celso Castro e Juliana Marques, *Interpretações do Brasil*.

Georg Iggers, com seu texto *Desafios do século XXI à historiografia* e Marieta de Moraes Ferreira em *História do tempo presente: desafios*, foram base para a abordagem do papel da história nos tempos de hoje, auxiliando na caracterização do historiador e das aulas de história em tempo atuais.

“Cotas raciais na universidade brasileira e a ideologia da meritocracia” publicado na Revista *Diálogo Educacional* e o artigo de Claudia Miranda, “Narrativas sobre ‘cotas’ em jornais: o híbrido e o grotesco nos discursos de resistência frente à perspectiva afrodescendente de interculturalidade”, são aportes nos estudos das cotas raciais no Brasil. Também foi uma referência a entrevista concedida ao “Brasil de Fato” pela deputada e estudante cotista de ciência sociais da UERJ, Danielle Monteiro, em que ela afirma que as cotas foram uma “revolução silenciosa” no Brasil.

Por fim, este trabalho pretende trazer a importância do conhecimento da História dos negros e das negras no Brasil, a fim de, por meio da educação, reavaliar seu papel na história e colocar em prática a Lei nº 10.639/2003, que busca garantir, como mostrou Amilcar Araújo Pereira, a democratização dos processos educativos em nosso país.

7) Metodologia/Detalhamento do projeto/Plano de ação

7.1 – Para quem, como e por que essa intervenção?

O projeto precisa, para sua execução, da participação de membros do corpo docente, a fim de proporcionar a transdisciplinaridade. O público alvo desta intervenção serão estudantes do Ensino Médio.

As disciplinas envolvidas serão Geografia, História, Sociologia, Música, Arte e Biologia.

A intervenção deverá ocorrer em local que permita uma exposição de fotografia e também apresentação musical. Além de sala de aula com Datashow para as aulas interdisciplinares.

A intervenção será realizada em uma manhã para todas as turmas do Ensino Médio. Construí esse projeto pensando em aplicá-lo no Colégio Universitas Ensino Médio, em Santos, local onde trabalho desde 2010.

O colégio dispõe de um pátio grande, e o local seria ideal para realizar uma exposição fotográfica sobre o lugar que os negros ocupam na cidade Santos a partir do olhar dos alunos e alunas do Colégio Universitas. Este trabalho com as fotografias seria realizado, portanto, pelos alunos, sob orientação de tutores, e somente os estudantes do 1º ano do Colégio realizariam tal tarefa, dado que os estudantes do 2º ano já são envolvidos em outros projetos e os alunos do 3º ano estão voltados aos processos seletivos de ingresso às universidades. Vale ressaltar que muitos desses estudantes são contra as Cotas Raciais.

Na exposição de fotos, os participantes responderão a enquetes rápidas sobre os negros, a escravidão e ações afirmativas. Isso se transformará em dados, que serão apresentados ao final do evento.

Passado esse momento da mostra fotográfica e da pesquisa de campo, os alunos se dividirão em duas turmas e cada turma vai para um auditório. Serão dois auditórios. No auditório 1 será realizada uma aula, que ocorrerá das 8h às 9h40, e o mesmo ocorrerá no auditório 2. Às 10h terá início uma nova rodada das aulas, com a troca das turmas, que terminará as 11h40.

No auditório 1 acontecerá uma aula interdisciplinar de História e Geografia traçando:

- Início da escravidão
- Contexto histórico social
- Economia escravagista
- Distribuição de riqueza
- Sistema político
- Fim da escravidão
- Destino dos negros e negras com o fim da escravidão
- Dados atuais do espaço que negros e negras ocupam no Brasil.

No auditório 2 será ministrada uma aula interdisciplinar de Biologia e Sociologia e serão abordados:

- Filosofia Sociais do século XIX
- Evolucionismo Social
- Darwinismo Social
- Conceito de raça,
- Por que somos diferentes na aparência?
- Eugenia
- Democracia Racial
- Cotas Raciais.

Passadas as aulas, os alunos trocam de sala, mas antes terão um intervalo de 20 minutos.

Ao final das aulas, os estudantes retornarão ao pátio, convidados a fazerem uma releitura das imagens que ali viram antes e responderão novamente a uma enquete, a fim de recolher dados novamente e comparar com os que haviam sido recolhidos no primeiro momento da intervenção.

O pátio terá intervenções artísticas, com temas afro, que tragam a cultura africana, a música e a poesia, que nos contem sua história.

A escola conta com aulas de música e muitas bandas e artistas solo encontram-se por lá. Então, seria realizado um trabalho ligado à optativa de

música do Colégio. A decoração seria orientada pela professora de Artes, que dá aula para os alunos do 2º ano do Ensino Médio.

A proposta, deve ser realizada na programação de trabalho referente a um bimestre. No início do bimestre o projeto seria apresentado aos professores, e quem pudesse/quisesse participar seria bem-vindo. Com professores, alunos e equipe gestora envolvidos, o dia da intervenção vai amarrar tudo que pareceu solto ao longo do bimestre nas disciplinas envolvidas ou nas participações especiais.

7.2- Resultados esperados

O trabalho realizado será relevante para desvendar e evidenciar como a falta de conhecimento sobre a diversidade étnico-racial favorece a discriminação racial, além de demonstrar como o racismo é um elemento estruturante da desigualdade social e como o reconhecimento e valorização da história dos negros e das negras no Brasil podem contribuir para a prevenção da discriminação racial.

Os últimos atos do projeto de intervenção consistem em comparar os dados recolhidos no início e no fim da intervenção a fim de notar se houve ou não mudança na percepção dos participantes sobre ações afirmativas. Em seguida, poderão ser feitas rodas de discussão para ressaltar a importância da História e da Memória na construção de valores sociais. Ou seja, demonstrar que é possível escrever uma história mais inclusiva.

7.3- A proposta

A ideia de realizar essa intervenção e trazer à tona a discussão sobre as Cotas Raciais, teve como ponto de partida meu trabalho de dez anos na rede privada de ensino, ouvindo de muitos alunos que as cotas promovem mais racismo, discursos como os exemplificados por Guarnieri e Melo-Silva no artigo “Cotas Universitárias no Brasil: análise de uma década de produção científica”:

“As principais críticas ao sistema de cotas raciais foram: inexistência biológica das raças; caráter ilegítimo das ações de “reparação” aos danos causados pela escravidão em tempo presente; risco de acirrar o

racismo no Brasil; possibilidade de manipulação estatística da categoria “parda”; inviabilidade de identificação racial em um país mestiço; a questão da pobreza como determinante da exclusão social.”

Esse tipo de opinião está impregnada nas escolas em que trabalho e esse debate se arrasta há mais de uma década, mesmo que os dados mostrem a eficiência de tal ação afirmativa, que, para existir tal como é, contou a participação de acadêmicos, parlamentares, representantes de movimentos sociais e de órgãos governamentais.

7.4- Como se dará o processo?

Para identificar a importância dos negros e das negras na formação da sociedade brasileira e conscientizar sobre conceitos como “democracia racial” e “Cotas Raciais”, será preciso, como visto acima, contextualizar a história do racismo no Brasil. As fotografias podem servir para conscientizar sobre o lugar subalterno que a população afro-brasileira ainda ocupa em nossa sociedade, e que isso não está relacionado com “preguiça” ou “bolsa família”, mas com falta de oportunidades. Além disso, deverá tornar-se evidente o eurocentrismo que, historicamente, está presente nos currículos brasileiros, bem como o que significa a Lei nº 10. 639/2003, que nasce para promover atitudes de respeito e cidadania para com a diversidade étnica. Isso também se concretizará nas aulas transdisciplinares, duas disciplinas demonstrando o papel dos negros e das negras e sua participação na construção social, cultural e econômica do Brasil.

7.5- Avaliação

O projeto será bem sucedido se houver envolvimento dos alunos ao longo do bimestre. A princípio, tudo ocorrerá separadamente, os alunos da 1ª série serão orientados a capturar cenas que retratam o lugar que o negro ocupa na cidade de Santos. Essas imagens devem ser capturadas nos trajetos cotidianos dos alunos, para que eles lancem o olhar sociológico nos cenários do dia-a-dia. Com o resultado dessas imagens será possível

perceber a forma como eles enxergam a realidade e o tipo de julgamento que fazem dessas pessoas a partir do olhar que lançam para o meio. Já os alunos da 2ª série serão responsáveis por construir um cenário para o dia da intervenção. A condução desse trabalho se dará pela professora de Arte, que tomará conhecimento prévio do projeto. Na optativa de música, os ritmos afro serão explorados, o que permitirá observar uma das formas de influência cultural afro em nosso país.

Se, ao final, na conferência dos dados apresentados a partir das enquetes, houver uma mudança, significa que de fato, o conhecimento da História dos negros e das negras no Brasil, reavaliando seu papel na história e colocando em prática a Lei nº 10.639/2003, pode-se garantir uma educação e uma sociedade mais democrática e inclusiva.

8) Referências:

Disponível em <<https://www.politize.com.br/sistema-de-cotas-no-brasil/>>. Acesso dia 28 abril de 2019.

Disponível em<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>>. Acesso 20 de março de 2019.

Disponível em http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acadid%3D28&Itemid=23>. Acesso em 28 de abril de 2019.

CASTRO, Celso. MARQUES, Juliana. Interpretações do Brasil. Graduação FGV. 2016.

DE ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Editora 34, 1994.

DORIGO, Gianpaolo; VICENTINO, Cláudio. História geral e do Brasil. **São Paulo: Editora**, 2004

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. 2000.

GUARNIERI, Fernanda Vieira; MELO-SILVA, Lucy Leal. Cotas Universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 2, p. 183-193, 2017.

IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à historiografia. **História da historiografia**, n. 4, p. 105-124, 2010.

LARA, Sílvia Hunold. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 16, 1998.

MIRANDA, Claudia. Narrativas sobre “cotas” em jornais: o híbrido e o grotesco nos discursos de resistência frente à perspectiva afrodescendente de interculturalidade. **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, v. 28, 2005.

PEREIRA, Amílcar Araujo. A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil. **Cadernos de História**, v. 12, n. 17, p. 25-45, 2011.

PEREIRA, Amílcar Araujo. Memória, democracia e educação: reflexões sobre a diversidade étnica e história oral. **Revista de História Oral**, v. 16, n. 1, 2013.

SILVA, Maurício. Cotas raciais na universidade brasileira e a ideologia da meritocracia. **Revista**

Diálogo Educacional, v. 17, n. 54, 2017.

